



28(2):123-125
jul/dez 2003

RESENHA CRÍTICA

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Tradução de Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Educação e diversidade: aventuras da diferença

Mariano Palamidessi

Este livro¹ do pesquisador argentino Carlos Skliar – professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – sistematiza as idéias apresentadas num curso organizado pela Escola Marina Vilte da Central de Trabalhadores da Educação da República Argentina (CTERA), em agosto de 2001, aprofundadas num seminário sobre *Espacialidade, temporalidade e educação*, ministrado em janeiro e fevereiro de 2002 na Universidade de Barcelona. Apesar desta origem de circunstâncias – como qualquer outra origem –, neste texto Carlos Skliar dá um passo bem significativo em sua produtiva e pessoal trajetória de produção, que o conduziu do estudo das perturbações da linguagem e a educação de surdos, aos estudos culturais e à desconstrução, permanecendo intimamente conectado com a tarefa de trabalhar e pensar a diferença em suas múltiplas manifestações.

É difícil apresentar² este livro de Skliar sem incidir em reducionismos. Trata-se de uma produção complexa, que trabalha em diversas dimensões e utiliza uma grande amplitude de referências (a desconstrução, a produção foucaultiana, os Estudos Culturais, a Literatura e Antropologia pós-colonial, o multiculturalismo crítico). Correndo o risco de simplificar, poder-se-ia dizer que o texto se estrutura em torno da “questão do outro” e do questionamento das “imagens do outro”, como instrumentos de domesticação e dominação. Porque, conforme o que sustenta Skliar “(...) sem o outro não seríamos nada (...) Porque o outro já não está aí, mas aqui e em todas as partes; inclusive onde nossa pétreia mesmidade não alcança ver”.

Apontando reiteradamente a ilusão tranquilizadora da “atenção à diversidade”, o autor interpela os discursos sobre a mudança e as reformas educacionais, atento à produção de exclusões, ao reforço de egocentrismos e às suas pretensões colonizadoras, antropofágicas. Para desestabilizar as estratégias de moralização e banalização da alteridade usadas pelas políticas e estéticas da diversidade (que adotam a forma de *compreensão*, *tolerância*, *aceitação*, *atenção à diversidade*), o autor nos oferece uma série de exercícios analíticos em torno da constituição (e assunção) pedagógica da diferença.

No primeiro capítulo, Skliar discute a questão do presente desde a posição perplexa de um sujeito que sabe que já não compreende nem contém a sua própria mesmidade. Usando os conceitos de *temporalidade simultânea* (Luhmann), *temporalidade disjuntiva* (Bhabba) e os *paradoxos do tempo* descritos por Deleuze, o autor apresenta três pedagogias que se ordenam conforme o outro aparece, desaparece ou reaparece: a do outro que deve ser apagado, a do outro como hóspede hostil e a do outro que volta e reverbera permanentemente.

O segundo capítulo, intitulado “Sobre as representações do outro e da mesmidade – notas para voltar a olhar bem o que já foi (apenas) olhado”², Skliar parte da existência de diferentes representações do mundo, da educação e da escola. Possuímos, dispomos e nos são impostas diferentes narrativas – do sujeito, das identidades e da educação –, contraditórias e divergentes, cada uma nos convocando a uma forma de ver (e de viver) o mundo. Retomando esta condição, analisa os múltiplos modos nos quais estas dissonâncias e heterogeneidades se articulam com os mecanismos – múltiplos e móveis – de exclusão e inclusão.

No terceiro capítulo [Sobre a espacialidade do outro e da mesmidade – notas para uma deslocalização (permanente) da alteridade], descreve alguns dos espaços nos quais construiu-se o outro: a espacialidade colonial, a espacialidade multicultural e a espacialidade da diferença. A partir delas, Skliar revisa as localizações binárias que a linguagem ocidental utilizou para nomear e constituir a alteridade (dentre outras, centro e periferia, masculino e feminino, nativo e estrangeiro, alta cultura e baixa cultura, dentro e fora). Neste jogo de espacializações, explora as possibilidades que os exercícios de deslocamento oferecem para desnaturalizar as mitologias e as imagens acerca do outro.

No quarto capítulo [Sobre a anormalidade e o normal – notas para um julgamento (voraz) da normalidade], o autor analisa a produção da “alteridade deficiente”, a construção histórica e a administração social de um modo particular de produção do outro. Focalizando o uso de eufemismos e percorrendo o campo dos *Disabilities Studies*, este capítulo se propõe a realizar uma inversão epistemológica da anormalidade, desnaturalizando o *normal* e a *anormalidade*, situando-os como as principais noções a serem problematizadas.

No capítulo final, o autor retoma alguns dos sentidos e usos que circulam em torno da “atenção à diversidade”, para perguntar-se se é possível pensar em uma “pedagogia da diferença”. É possível pensar a diferença sem cair em um novo sistema ordenador e domesticador da alteridade? Postular tal empresa não será um novo mecanismo para tentar prender-se a uma identidade e a uma mesmidade, que nos proteja dos riscos da pluralização do eu, das identidades e do assédio dos outros?

Poderíamos definir este trabalho utilizando a expressão heideggeriana da filosofia como uma “cura” da linguagem. Pleno de metáforas e imagens que explodem, se fragmentam e multiplicam, evitando sua fixação e domesticação por parte do leitor, este texto nos propõe uma “cura” de certos tópicos centrais da linguagem pedagógica. Skliar brinca de destruir a busca de certezas metafísicas (“eu sou...”, “tu és...”) como fundações de uma empresa de posse e domínio. Se, como dizia Heidegger, “a linguagem é a morada do Ser”, este livro nos propõe (o que faz é um pouco mais forte do que isso) repensar as bases de nosso fazer e pensar a tarefa de educar e de constituir nossa ameaçada mesmidade. Sua escrita é, ao mesmo tempo, filosófica, política e poética.

O percurso que nos espera é extremamente rico e complexo, mas exige um trabalho enorme, já que não nos oferece repouso de tranquilidade. Quem quiser lê-lo rapidamente, desesperar-se-á. É que nesse percurso agudo e sem concessões pela paisagem das perplexidades atuais não há possibilidade de encontrar um lugar onde se acomodar; não há nomeações evidentes, consolidações nem conciliação. Frente à destruição das certezas condensadas em nossa linguagem, Skliar nos convida a voltar ao caminho da poesia, do pensamento e, também, dos afetos. É possível uma pedagogia da diferença? Não será esta a tentativa de aspirar a uma morada (e a um viver) cuja construção seja, quiçá, impossível, mas a que também não podemos renunciar?

Nota

1. A resenha foi publicada em *Propuesta Educativa*, ano 12, n. 26, julho de 2003, FLACSO – Novedades Educativas, Buenos Aires. p. 104-105.
2. Aqui, a tradução do nome de cada capítulo segue aquela feita por Giane Lessa em SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* Tradução de Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Tradução de Carla Cardarello, doutoranda do PPGEDU/UFRGS.

Dados sobre o autor:

Mariano Palamidessi é professor da FLACSO, Buenos Aires, Argentina.

Endereço para correspondência:

E-mail: mpalamidessi@flacso.org.ar